

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 593

Data: Set/83 Pg.: 05

### MATO GROSSO DO SUL

# Dourados, área em conflito

**E**m 1917, foi assinado o decreto de doação de uma área de 3.600 hectares para o Posto Indígena Francisco Horta. Nesta área, distante aproximadamente 5 Km do centro da cidade de Dourados, residiam, na época, em torno de 550 índios do povo Guaraní, subgrupo Kayoá. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, somente em época posterior começaram a chegar à reserva os primeiros índios Terena, provenientes do alto da Serra do Maracaju. Ainda segundo o mesmo autor, em seu livro *Do índio ao bugre*, teria sido o próprio Horta Barbosa quem incentivou a vinda destes Terena para estimular a lavoura dos Kayoá. Posteriormente, outros Terena chegaram para junto de seus parentes. Hoje temos na reserva Dourados uma população indígena em torno de 4.400 índios, dos quais a grande maioria continua sendo Kayoá (entre 800 e 1.000 são Terena).

A reserva está dividida em duas capitânicas: uma dos Kayoá, com seu velho e tradicional capitão, Ireno Isnard, cerca de 100 anos de idade, líder político e religioso incontestável; outra, dos Terena e Guaraní (subgrupo Nhandeva) e alguns Kayoá, com o capitão Ramão Machado. Os problemas têm surgido exatamente na parte da reserva sob o comando do capitão Ramão e seus conselheiros.

Já há vários anos, de tempos em tempos aparece na imprensa regional alguma denúncia grave contra Ramão e/ou seus conselheiros. Algumas destas arbitrariedades

des puderam inclusive ser constatadas por membros da Diocese de Dourados, que, já em 1978, em ofício dirigido à Presidência da Funai, pediam a formação urgente de uma Comissão de Estudo para viabilizar alternativas para os problemas da área indígena de Dourados (P. I. Francisco Horta Barbosa).

Durante a Semana do Índio deste ano, novamente a imprensa local e regional foi invadida por denúncias extremamente graves (mortes, espancamentos e outras violências). A Funai, a exemplo do que fez nas outras vezes em que houve denúncias deste tipo, procurou simplesmente negar tudo e manter a situação como estava. Mas, desta vez, a pressão foi tanta que a Funai teve que marcar data para a eleição de um novo capitão (ou então, reeleição do mesmo).

Na primeira votação, concorreram duas chapas, uma pela reeleição de Ramão Machado e outra de oposição. Resultou empate. Dias depois, houve uma segunda votação. Esta não pôde ser concluída, pois estouraram conflitos violentos entre as duas partes, resultando em vários

*Teve grande destaque, na imprensa de todo o País, a notícia sobre os conflitos ocorridos na primeira quinzena de agosto, na reserva de Dourados, por ocasião da eleição dos novos dirigentes daquela área indígena.*

*Alguns jornais chegaram a gracejar com a trágica divisão entre os índios da reserva de Dourados, sem atinar com as causas dessa situação.*

*Para explicar o problema, PORANTIM apresenta uma análise dos últimos acontecimentos, com um resumo dos principais antecedentes:*

feridos. O fracasso da eleição mostra a profundidade da divisão em que se encontra esta parte da reserva indígena.

A Funai levantou então algumas alternativas: a) dividir a área novamente entre as partes em conflito, a exemplo do que fez em Guarita, RS. É bom lembrar que esta solução resultou num conflito armado onde morreram cinco Kaingang e 13 ficaram feridos (ver *PORANTIM* nº 54). b) conseguir uma trégua de algumas semanas entre as partes em conflito, finda a qual se tentaria novo acordo. Os índios, então, decidiram aceitar a trégua, na esperança de conseguir uma saída sem violências.

As causas do conflito e suas perspectivas:

— O problema fundamental é a questão da terra: 3.600 hectares (hoje, certamente, já não resta sequer isto) para uma população de 4.400 índios, de povos indígenas diferentes: Terena, (Aruak) e Guaraní (subgrupos Kayoá e Nhandeva). Este é o impasse fundamental.

— Os projetos agrícolas da Funai na área, privilegiando os índios já mais entrosados com o esquema de desenvol-

vimento da sociedade envolvente — no caso os Terena — agravaram em muito a questão da terra. A introdução da mecanização e da soja levaram a uma concentração desta já pouca terra nas mãos de um grupo, especialmente Terena (e alguns Guaraní.) O caso clássico talvez seja o próprio capitão Ramão, com seu trator próprio, dois carros, casa e lavoura grande, parte dela a meia com outros índios.

— A convivência da própria Funai, procurando negar sempre a existência dos conflitos. Impediu desta forma não só que os conflitos fossem superados, mas provocou seu aprofundamento. Hoje, certamente, a Funai é a grande culpada pelo impasse em que se encontram os índios da reserva de Dourados.

— Também a atuação das diversas Igrejas, com uma ação divisionista, não chegando a uma ação conjunta e global frente a tão grave problema.

Muitos outros problemas vêm da própria localização da aldeia, hoje praticamente dentro da cidade de Dourados.

Neste momento as perspectivas não são certamente muito boas para os moradores desta reserva. O problema pode facilmente acabar em mais violências. E se os índios enfrentam hoje este impasse doloroso, não são certamente os culpados por isto. A culpa deve ser atribuída à sociedade nacional como um todo e aos órgãos do governo em especial.

É claro que a simples eleição não vai ser solução a médio e nem a longo prazo. É necessário que as lideranças indígenas da área possam dialogar entre si sobre os graves problemas que enfrentam, sem a interferência tendenciosa e viciada da Funai. Talvez uma equipe integrada por diversas entidades e organismos ligados ao índio e à sua problemática pudesse ajudar os mesmos líderes indígenas na busca de uma saída real para seus problemas, neste momento, evitando um conflito muito mais grave.

Cabe à Funai, como órgão responsável pela questão indígena no Brasil, prever recursos que possibilitem um aumento do espaço vital para os índios da região da Grande Dourados, onde cerca de 10 a 11 mil índios vivem em apenas cerca de 19 mil hectares de terra.

Não podemos alimentar ilusões. Os problemas da aldeia de Dourados não têm solução a médio e longo prazos, sem um aumento do espaço vital para os índios. E, caso isto não ocorra, podemos até prever que conflitos idênticos se repetirão em breve em outras reservas indígenas da região.